

Salve, Silas!

Bernardo Nascimento de Amorim*

Luciana Brandão Leal**

Wellington Marçal de Carvalho***

Dorival Caymmi falou pra Oxum

Com Silas tô em boa companhia

“Nação”, de Aldir Blanc, João Bosco e Paulo Emílio

Saudações, leitoras e leitores!

É com satisfação que apresentamos este número especial dos *Cadernos CESPUC de Pesquisa*. Ele acolhe alguns trabalhos apresentados nos simpósios do I Seminário Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (SILAS Minas), realizado em outubro de 2022, numa iniciativa de um conjunto de instituições de ensino e pesquisa do Estado de Minas Gerais, nomeadamente, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

O número 43 dos *Cadernos* apresenta artigos que, dialogando com o mote geral do evento, “Crises, nós, fronteiras”, refletem sobre e problematizam a maneira como as literaturas africanas de língua portuguesa encenam as diversas crises que atravessam seus tempos e espaços, articulando-se e/ou afastando-se de outras práticas estéticas, endógenas e estrangeiras.

* Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5720-0885>.

** Professora e pesquisadora dos programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa e da UNEMAT. Bolsista de produtividade em pesquisas CNPq e cientista da FAPEMIG. Coordena projetos de pesquisas sobre poesias das literaturas africanas de língua portuguesa (CNPq e FAPEMIG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1534-9726>.

*** Pós-Doutor em Estudos Literários (UFMG). Mestre e doutor em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas). Graduado em Letras (Newton Paiva) e Biblioteconomia (UFMG). Coordenador da Biblioteca da Escola de Veterinária da UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8881-6850>.

Abrindo este número dos *Cadernos*, Jardel Pereira Fernandes nos apresenta, em seu texto “Poesia e prosa em Moçambique: notas sobre a literatura moçambicana”, um apanhado da produção literária desse país, feito especialmente para o SILAS. A partir de suas propostas, o autor reforça que a literatura permite elaborar aspectos estéticos, sociais, culturais e históricos de um país.

Auliam da Silva, vindo a seguir, estuda a narrativa de Ungulani Ba Ka Khosa, em “*Os sobreviventes da noite: provérbios africanos na roda de guerrilhas*”, tratando dos intertextos que se apresentam na trama narrativa do romance. O autor busca, especificamente, entender como a utilização dos provérbios define as tradições africanas em um contexto de guerra.

Luciana Genevan da Silva Dias Ferreira e Elaine Cristina Andrade Pereira assinam o texto “Oralidade, escrita e leitura na educação básica: reflexões a partir da literatura cabo-verdiana”, em que destacam os desafios múltiplos do ensino de literatura na educação básica. Segundo as pesquisadoras, há diversos desafios, como a formação de professores, a indisponibilidade da produção literária e o curto tempo escolar destinado à leitura literária, além da dificuldade inerente ao ensino de literatura. A proposta se ampara na leitura de dois textos: o poema “Ilhas”, de Jorge Barbosa (1935), e o conto “...Ou quando Santo Antão é apenas silêncio”, de Dina Salústio (1994), que encenam a insularidade cabo-verdiana.

Em “Imbricações entre literatura, história e feminismo: uma proposta de leitura para romances africanos de autoria feminina na contemporaneidade”, Stela Saes promove, a partir de uma abordagem que articula crítica literária, história e teorias feministas, uma leitura comprometida de três obras literárias produzidas por mulheres do continente africano: *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, *Everything good will come*, de Sefi Atta, e *Do not go gentle*, de Futhi Ntshingila.

Na sequência, o artigo de autoria de Francisca Patrícia Pompeu Brasil aborda o papel da esposa em outra obra de Paulina Chiziane, *Niketche*:

uma história de poligamia. Incluindo uma comparação com o famoso conto “Branca de Neve”, visando compreender o modo como a protagonista olha para si mesma, a autora reforça o potencial da literatura de Chiziane para nos fazer desconfiar “das construções” que, “disseminadas e inculcadas por determinadas culturas e tradições”, acabam sendo “vistas como ‘naturais’”.

Ainda contemplando o espaço da literatura moçambicana, Samuel Maciel Martins se debruça sobre a poesia de Noémia de Sousa, mais especificamente, sobre a primeira sessão de *Sangue negro*, “Nossa voz”, em que vê a projeção do eu-lírico em “uma voz coletiva contra o colonialismo em África”, também representativa da “luta anticolonial moçambicana”.

O mesmo contexto histórico moçambicano, quando o país ainda era uma colônia portuguesa, é também discutido por Yago Viegas da Silva. Explorando “Nós matamos o Cão Tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, o autor focaliza a personagem Isaura, discorrendo sobre as violências de que esta é vítima. Em suas palavras, trata-se da “figura da mulher que tem de suportar duras cargas calada em nome do ‘bem-estar’ social ou manifesta-se e é considerada louca”.

O romance *Vinte e Zinco*, de Mia Couto, é analisado, na sequência, pelas pesquisadoras Nathaly Ohanna Freitas da Silva e Terezinha Taborda Moreira, que assinalam as experiências traumáticas decorrentes da violência da engrenagem colonial, tais como enunciadas no texto desse escritor moçambicano.

A captura do imperador Ngungunyane, acontecida na região do Chaimite, levada a cabo por Mouzinho de Albuquerque, é o tema de Tânia de Resende Garcia e Roberta Guimarães Franco. Em “As tomadas de Chaimite na obra cinematográfica de Jorge do Canto e na literatura de Mia Couto”, as autoras confrontam o tratamento desse acontecimento exposto no filme português de 1953 com a abordagem do romance *Sombras da água*, de autoria de Mia Couto, o qual desdobra, na tessitura literária, as impressões conflitantes sobre aquele tenente-coronel a serviço da colônia.

Adentrando, a seguir, o espaço literário angolano, o romance *Teoria geral do esquecimento*, escrito por José Eduardo Agualusa, é objeto de reflexão assinada pela pesquisadora Christiane Gonçalves dos Reis, que argumenta sobre a presença de um flerte com o real estruturando a narrativa, destacando a consequente reescrita da história da nação via enunciação literária.

Também procurando tratar das relações entre literatura e história, falando em “estetização de um evento histórico”, e fazendo uso da ideia de *testimonio*, Hélder da Rocha Castro, Marcelo Ferraz de Paula e Rogério Max Canedo Silva trabalham com outro importante autor angolano, Pepetela, perseguindo “as marcas testemunhais presentes no romance *Mayombe*”.

Na sequência, o espaço do musseque é foco de interesse de Dayane Argentino Dias e Suelio Geraldo Pereira, em sua abordagem do conto “Quinaxixe”, de Arnaldo Santos. Trata-se do modo como é representado o bairro da periferia de Luanda, numa “região pobre e periférica” da cidade, em momento recuperado pela memória do narrador, no qual se têm “tensas e conturbadas relações entre negros, mestiços e brancos”.

Já em “*O segredo da morta: romance colonial ou angolano?*”, João Ngola Trindade retorna aos momentos de surgimento do romance, em Angola, refletindo sobre a situação em que se publica a obra de António de Assis Júnior – apresentada em concurso organizado pela Agência Geral das Colônias – e sobre a sua recepção crítica e historiográfica, que acabou por fazer dele um marco da literatura nacional angolana.

O pesquisador Miguel Lombas, por seu turno, alargando o campo de interesse, focaliza os rappers MCK e Emicida, considerando-os uma espécie de griôs contemporâneos, que se utilizam da música para revisitar, salvaguardar e disseminar as marcas de sua africanidade. Lombas defende a configuração de uma poética coletiva do rap, atrelada ao tecido social, dos quais se originam os músicos analisados e as letras por eles produzidas.

Fechando o conjunto dos artigos dos *Cadernos*, tem-se outro trabalho que também vai para além do que se considera literatura em sentido mais estrito, no artigo de Manuela Luiza de Souza e Roberta Maria Ferreira Alves sobre a HQ angolana *Masala, o leopardo*: um passo para a liberdade, de Lito Silva. As autoras chegam à conclusão de que Masala, o herói, como “um híbrido cultural”, representa “uma identidade angolana complexa e diversificada, que reflete a riqueza do país e de seus contadores de história”.

Acreditamos que nossas leitoras e nossos leitores têm aqui um bom conjunto de textos que dão uma boa ideia dos debates e trocas acontecidos no I SILAS. Esperamos que não demore a acontecer uma segunda edição do evento e que ele continue a dar ensejo a produções como essas, que valorizam e dão visibilidade à produção literária (mas não só) dos países africanos de língua oficial portuguesa e de outros com que esses países mantêm relações.

Desejamos a todas e todos excelentes leituras!